

Considerações sobre o *não-* anteposto a nomes

Lívia Penedo Jacob¹

RESUMO: *O trabalho investiga os processos lexicais pertinentes à formação de novos itens através do não- anteposto a substantivos e adjetivos, incluindo os aspectos semânticos relevantes. A partir da análise de dois corpora, verifica-se que nem todos os itens formados por não- seguido por nome configuram novas formações lexicais. Quanto à questão semântica, concluiu-se que os significados são relativamente delimitados, existindo algumas exceções.*

PALAVRAS-CHAVE: *Léxico; Morfologia; Formação de palavras; Semântica.*

Palavras iniciais

O presente artigo tem como ponto central investigar as ocorrências *não-*x a partir da ótica dos estudos lexicais. A tradicional análise gramatical não dá conta do fenômeno em pauta na medida em que ora o trata de forma superficial, ora se omite sobre o tema. Por outro lado, os poucos estudos linguísticos até então realizados não demonstram convergência quanto às abordagens que adotam, trazendo à tona conclusões bastante controversas.

Destarte, a revisão da literatura até então produzida sobre o tema, feita por nossa pesquisa, revelou a coexistência de diversos pontos de vista: A) *não-x* forma nova palavra e, neste caso, os estudiosos se segmentam entre A.1) os que majoritariamente defendem que *não-* atua como prefixo; e A.2) a corrente minoritária que entende o *não-* como elemento de composição; B) a visão da gramática tradicional que trata o *não* simplesmente como advérbio, descartando qualquer possibilidade lexical; e, por fim, C) os que consideram que nem sempre *não-* forma novo item léxico, na medida em que haveria a existência de aspectos morfológicos, bem como sintáticos nesse tipo de construção.

Almejamos apresentar novas reflexões sobre a questão com base em nossa análise, feita a partir da observação de dados coletados em dois *corpora* informatizados: O CORPOBRAS PUC-Rio e o CORPUS NILC, sendo o primeiro constituído por ocorrências do português falado e o último, por registros

¹ Graduada em Letras pelas UERJ e mestre em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio.

escritos, compostos principalmente por dados oriundos do jornal Folha de São Paulo.

1. Coleta dos dados: breve comentário sobre a Linguística de Corpus

Atualmente, a linguística de corpus desfruta de considerável prestígio, sendo vista como uma área interdisciplinar, já que suas aplicações podem envolver saberes distintos tais como engenharia computacional, lexicografia, tradução, linguística aplicada, dentre outros. No entanto, Sardinha (2000) nos lembra que os primeiros passos trilhados por este ramo do saber foram tortuosos. Segundo relato do autor, em 1964 o Corpus Brown, primeiro *corpus* linguístico eletrônico, era criado em meio à incredulidade científica, diante da parca tecnologia a qual então se tinha acesso. Sardinha lembra ainda que a publicação de *Syntactic Structures* de Noam Chomsky partia do pressuposto que os dados necessários a um linguista seriam acessíveis em sua mente exclusivamente, ideia esta que gerou leituras equivocadas, danosas à linguística de corpus.

O desenvolvimento e aprimoramento da linguística de corpus trouxeram indubitavelmente grande benefício para os estudos lexicais, pois: “O léxico é a [área da linguística] que mais recebe a atenção dos linguistas de corpus e é a que mais se projeta para o mundo” (SARDINHA, 2004: 01). Além disso, a lexicografia foi a primeira área a fazer uso de *corpora* eletrônicos, e mesmo antes da automação, grandes *corpora* eram manipulados manualmente para a compilação de dicionários, bem como a fim de contabilizar a frequência de palavras mais utilizadas nos idiomas. A linguística de Corpus apresenta possibilidades inéditas para os estudos lexicais, visto que pesquisas empreendidas por linguistas de outros ramos acabam muitas vezes por apresentar dados relevantes e inéditos sobre o léxico (DURAN, 2008).

É sabido que devido ao avanço das tecnologias referentes a esses estudos, o conceito de *corpus* acabou por ganhar conotações distintas dependendo do contexto a que se refere, sendo entendido não apenas como um simples conjunto de dados de uma língua. Quando pertinente à linguística de corpus, os

Considerações sobre o *não*- anteposto a nomes

corpora precisam seguir certos critérios pré-determinados para que sejam considerados válidos. Assume-se, assim, que os *corpora* devem: a) ser autênticos, isto é, devem ser criados a partir de dados que existem naturalmente na língua. Dados criados com o objetivo de figurarem no *corpus* não são válidos, portanto, e se o *corpus* for composto por falantes não-nativos, isso deve ser especificado; b) construídos com objetivo de constituírem fonte de estudos linguísticos; c) devem ser legíveis em computador, ou seja, formatados; d) quanto à composição, o conteúdo deve ser criteriosamente escolhido, ou seja, os *corpora* devem ser selecionados de modo a possuírem uma característica específica. Por exemplo – *corpus* do português brasileiro escrito deve conter textos de variados gêneros, produzidos em grande parte da extensão territorial nacional; e) devem ser representativos de uma língua e f) deve ser vasto para ser representativo.

Em nossa pesquisa, fizemos uso de dois *corpora* eletrônicos – O Corpus NILC-São Carlos e o CORPOBRAS/PUC-Rio. O Corpus NILC é formado por textos brasileiros do registro jornalístico (predominante), didático, epistolar e redações de alunos, contendo cerca de 39 milhões de palavras de português brasileiro. A compilação deste *corpus* iniciou-se em 1993 e objetivava atender à necessidade de efetuar os testes da ferramenta de revisão com textos reais, e fornecer a base empírica do uso de algumas formas gramaticais do português (PINHEIRO E ALUÍSIO, 2003). Já o CORPOBRAS PUC-Rio, em fase de desenvolvimento, pretende fornecer dados e subsídios para uma análise multidimensional da variação entre gêneros discursivos. No momento deste artigo, o CORPOBRAS conta com aproximadamente 1.172.821 palavras, 1385 textos, 26 gêneros discursivos². Nossa pesquisa se concentrou somente nos *sub-corpora* referentes ao gênero língua falada.

Os dados do CORPOBRAS PUC-Rio foram manipulados por meios de duas ferramentas computacionais: WordSmith Tools e ATLAS.Ti. Já os dados do Corpus NILC foram manipulados por meio das ferramentas *Distribuição das Formas e Concordância em Contexto* disponíveis no site *Linguateca*³

2 Dados fornecidos pela PUC-Rio.

3 Acessado em 05 de setembro de 2009 as 20: 37h.

(www.linguateca.pt), onde está hospedado o referido *corpus*. A concordância é uma listagem das ocorrências de um item específico, dispostas de tal modo que a palavra de busca aparece centralizada na página, acompanhada do seu contexto original. (SARDINHA: 2004). Assim, a ferramenta *concordância em contexto* (figs. 1 e 2) do sítio *Linguatca* indicou que não-x ocorre 2.771 vezes dentro do Corpus NILC, sendo este o primeiro dado quantitativo apresentado. Esta contabilização é geral e inclui repetições.

Figura 1

The screenshot shows the Linguatca website interface. On the left is a navigation menu with categories like 'Estrutura', 'Apresentação', 'Acesso a recursos', 'Catálogo de recursos', 'Catálogo de ferramentas', 'Catálogo de actores', 'Catálogo de publicações', 'Informação interessante', 'Fórum', 'Avaliação conjunta', and 'Perguntas já respondidas'. The main content area is titled 'Resultados da procura' and shows the search results for the query 'não-.*'. It indicates 2771 occurrences in the NILC/São Carlos v. 9.0 corpus. Below this, a section titled 'Concordância' lists several examples of the word 'não' in context, such as 'Denomina-se heresia a não-aceitação das verdades estabelecidas pela Igreja' and 'Mandou evangelizar as áreas não-católicas'.

Figura 2

Projecto AC/DC: corpo NILC/São Ca

[AC/DC : Linguateca](#)

O corpus NILC/São Carlos do [Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo em São Carlos](#), contém jornalístico, didático, epistolar e redações de alunos (Nunes *et al.*, 1996a, 1996b). veja-se a página de [descrição do corpus NILC e sua descendência](#).

Procurar:

Resultado:

- Concordância
- Distribuição das formas
- Distribuição dos lemas

Tendo em vista que a análise de todas as ocorrências listadas seria impossível e até mesmo desnecessária, optamos por analisar aproximadamente 25% dos dados apresentados pela ferramenta (2.771 ocorrências), buscando-se excluir primeiramente repetições e dados que continham erro de digitação. Por exemplo, quando a palavra apresentava múltiplas ocorrências, tal como “não-governamentais”, buscou-se fazer a análise em apenas três contextos diferentes, a fim de tornar o estudo mais prático e eficiente.

Por fim, procuramos mapear o *corpus* da seguinte forma: durante a análise em contexto, foram feitas anotações codificadas para os casos de natureza semelhante. Feitas as discriminações, utilizamos outro programa, o Atlas.ti versão 5.0. Atlas.ti é um software para análise de dados qualitativos criado por Thomas Muhr e desenvolvido pela Universidade de Berlim, sendo amplamente utilizado por pesquisadores na análise de dados, gráficos, áudios e vídeos. Através do mecanismo de busca, foram criadas seis variáveis ([ausência de; [que não; [binário; [humano; [estilístico; [advérbio) correspondentes a cinco códigos idênticos às marcações realizadas no *corpus* durante a análise. A partir daí, foram contabilizadas as incidências destas variáveis.

Bastante diferente revelou-se a análise feita pelo programa Word Smith Tools no dia 18/09/2009 às 14:45h a partir dos dados disponíveis no CORPOBRAS. Neste caso, somente dois casos de nomes seguidos da partícula

não- foram detectadas: *não-engenheiro* e *não-universitário*. *Não-universitário* ocorreu 10 vezes e *não-engenheiro* apenas uma vez. As duas palavras apareceram no *subcorpus* Entrevistas Acadêmicas e sugerem que as formas [nãox] são mais profusas em falas do ambiente acadêmico, caracterizadas por uma maior formalidade e pelo uso de termos técnicos.

Tal assertiva nos levou a concluir, no primeiro momento da pesquisa, que nos discursos jornalísticos, a formação [nãox] mostra-se bastante produtiva. Dentro dos gêneros orais estudados, no entanto, [nãox] apenas é recorrente dentro de uma linguagem mais acadêmica.

2. Reflexões sobre as abordagens anteriores

Conforme já mencionado, nas gramáticas pesquisadas⁴, as formações constituídas pelo *nãox* ora são brevemente apontadas de maneira confusa, ora sequer são indicadas. Causa aparente do desinteresse seria a ideia de que as formas *nãox* se caracterizariam por trazerem em seu bojo certo anglicismo, fato contestado por Campos (2004) quando comprova a existência do padrão *nãox* em textos arcaicos. A baixa ocorrência do *nãox* em detrimento a outros prefixos de negação nos documentos históricos demonstra, no entanto, o que também notara Houaiss (2001) para quem o modelo *nãox* intensificou-se com o passar dos anos: em 1931 Gonçalves Viana registra apenas duas formas construídas segundo este modelo, ao passo que em 1956 já são nove as formas registradas por Rebelo Gonçalves, número que aumenta para mais de 50 em 1981.

Para além das abordagens tradicionais, os estudos linguísticos majoritariamente apontam que o *nãox* anteposto a nomes se comporta tal qual um prefixo⁵, havendo apenas dois autores que contestam a hipótese⁶. Vale enfatizar que o léxico possui duas funções principais: a representação conceitual e o fornecimento de unidades básicas para a construção dos enunciados (BASILIO, 1987). Nesse sentido, o léxico está em constante expansão sendo um

4 AZEREDO, 2009; BECHARA, 2005; CUNHA, 1999.

5 HOUAISS, 2001; PANTE & MENEZES, 2003; CAMPOS, 2001; AZEREDO, 2009; MOURA NEVES, 1999; MORENO & MARTINS, 2006, ALVES, 2004.

6 PEREIRA, 2006 e CUNHA, 1983.

Considerações sobre o *não-* anteposto a nomes

lugar de interface cultural onde se armazena o conhecimento, bem como se engendram novas unidades. Reconhecer a presença de padrões linguísticos constituídos a partir de elementos existentes no idioma é admitir também que tal mecanismo agiliza a expansão do léxico sem sobrecarregar a memória do falante.

De fato, à semelhança do que ocorre nos casos de prefixação, o uso do advérbio *não-* diante de adjetivos e substantivos procede como um recurso econômico do ponto de vista do falante, porém o critério também é aplicável se os casos *não-x* forem analisados como composições por formas presas, onde *não-* atuaria como uma base, tal como ocorre nos exemplos porta-lápis, porta-treco, porta-bebê. Diante da análise dos dados, fica patente que as duas classificações possíveis para os casos *não-x* – a composição ou a prefixação – geram dúvidas e problemas diversos.

Apontamos como questão de cabal importância a quase universalidade do *não-* que nesses casos pode se adjungir a inúmeros tipos de base, isto é, em nosso estudo notamos que, na fórmula *não-x*, *x* comporta um número praticamente irrestrito de possibilidades. Há mesmo casos em que o *não-* se antepõe a outros advérbios tais como o exemplo: não-magicamente. Esta característica refutaria a possibilidade de classificar o *não-* como elemento composicional, justamente por promoverem uma produtividade mais ampla, já que mesmo as chamadas formas composicionais constantes encerram possibilidades restritas quando comparadas aos prefixos da língua portuguesa. Da mesma forma, causa estranheza considerarmos o *não-* uma espécie de prefixo universal, capaz de se unir a praticamente todos os nomes da língua portuguesa, inclusive nomes próprios⁷ e até advérbios⁸, fato que em si mesmo seria suficiente para descartar a hipótese, uma vez que tal característica se

7 Citamos o caso *não-Glauber*. Vale notar que encontramos no corpus outras duas ocorrências de não- anteposto a nome próprio, ambas com o nome Glauber, ou seja, Glauber Rocha. Citamos uma delas: O título tem dois significados: descrente em alemão e *não-Glauber*, o anti-Glauber [localização no Corpus NILC São Carlos - par=Ilustrada-94b-nd-1:]

8 Encontramos algumas ocorrências, notadamente com efeito estilístico: "par=Brasil-94b-pol-1: Se considerado o conceito de liquidez (caixa mais algumas aplicações *não-imediatamente* disponíveis) , o número batia os US\$ 38,28 bilhões na mesma data " .

mostra incompatível com os demais prefixos da língua pátria, suscitando uma revisão no conceito de prefixação até agora vigente.

A categoria “prefixo”, na realidade, só é válida quando se postula que nem todos os casos *não-x* configuram novo item lexical, ficando excluída a ideia da existência de um prefixo universal. As análises que somente levam em consideração os aspectos sintáticos do fenômeno⁹ são tão insuficientes quanto as que, por outro lado, só relevam as questões morfológicas. Basilio (2000) nota que somente em algumas situações o processo de criação lexical de fato ocorre. Há dois casos apontados pela autora: 1) quando o elemento analisado figura entre classificações binárias em casos de adjetivos como não-euclidiano, não-alinhados, não-saturadas, ou 2) nos casos em que o *não-* se adjunge com substantivo que possui referente humano, pois aí, o *não-* adicionaria uma alteração semântica de negação sobre o nome original (substantivo ou adjetivo). No caso de *não-* precedendo formas verbais nominalizadas como não-operacionalidade, não-contenção, etc, a autora é taxativa: “dada a possibilidade de ocorrência aberta de casos de negação do fato verbal em forma nominalizada, assim como o caráter predicativo de tais ocorrências, a análise de não nesses casos como prefixo ou formador de composto não se sustenta”. (BASILIO, 2000: 13).

Seguindo esses passos e contestando as análises tradicionais, Duarte chega a conclusões semelhantes, porém menos definitivas. Para o autor, a questão ainda dispõe de estudos mais aprofundados e análises mais contundentes:

“Julgamos ser possível estabelecer que não é elemento formador de palavras, em ambiente pré-substantival e pré-adjetival. Isto, porém, por si só não basta, uma vez que não devem ser levados em conta substantivos e adjetivos marcados por foco. Também devem ser excluídos os casos em que não se antepõe a participios em orações desenvolvidas ou reduzidas em que ocorre o apagamento do verbo de cópula”. (DUARTE, 1999: 69)

9 Referimo-nos às análises gramaticais.

3. Análise do fenômeno *não-x* utilizando dados empíricos

3.1. Aspectos Lexicais

Após anterior digressão sobre o tema, resta-nos responder a pergunta proposta por nossa pesquisa — o *não-x* deve ser classificado como composição ou prefixação? Seria incauto validar a hipótese derivacional somente por meio de sua preponderância acadêmica. Importa, assim, apontar as reais dificuldades referentes à classificação do *não-*, e estudar a questão a partir de exemplos concretos e verificáveis. Seguindo esse caminho, notamos que enquanto pensar o *não-x* à luz dos conceitos referentes à composição gera dúvidas, a prefixação tampouco se mostra uma classificação despida de problemas. Um dos equívocos presentes nas análises já citadas refere-se às justificativas que se apoiam em uma interpretação parcial feita sobre o princípio da economia léxica: o uso do advérbio *não-* diante de adjetivos e substantivos é apontado pelos diversos autores como um recurso econômico do ponto de vista do falante. De fato a ideia procede, porém o critério não é exclusivo de nenhum dos dois processos apontados e não serve para invalidar nenhuma das hipóteses correntes, ao contrário do que sugerem algumas análises.

Percebemos em nossos estudos a importância dos aspectos lexicais, bem como a relevância sintática de certas ocorrências. Basilio (2000:13) afirma que: “Existem casos, por outro lado, em que o uso do não é mais adequadamente analisado como sintático, apesar do escopo ser nominal”. Esta observação é apoiada por Duarte (1999) e também é ressaltada por Alves:

“Uma frase negativa, expressa por um prefixo, torna-se mais econômica do que uma construção sintática negativa. Assim, a negação lexical permite frases como ‘policiais não-violentos’ e ‘entidades ligadas aos sem-terra’, ao invés de frases sintaticamente mais complexas do tipo ‘policiais que não são violentos’ e ‘entidades ligadas a aqueles que não possuem terra”. (ALVES, 2004, p.28).

Verificamos a facticidade deste argumento na medida em que a ocorrência *não-x* pode ser facilmente desenvolvida em uma oração, quando *x* é adjetivo:

a) par=103563: A Internet é uma entidade *não-comercial*, e seus objetivos principais são a pesquisa (pois a Internet facilita a pesquisa em grupo de elementos dos mais diversos países) e as comunicações em geral, ainda oferecendo uma série de recursos para o usuário comum.

b) par=Brasil-94a-pol-1: O presidente da 3ª Junta do Trabalho de Belém, juiz Edílzimo Elizário Bentes, deu ontem ganho de causa em primeira instância para mais 16 profissionais *não-diplomados* em jornalismo e sem registro profissional

Nos exemplos citados, o *não-x* pode facilmente ser substituído pela oração [que não é/está x]

c) “A Internet é uma entidade *que não é comercial*”.

d) “(...) Edílzimo Elizário Bentes, deu ontem ganho de causa em primeira instância para mais 16 profissionais *que não são diplomados* em jornalismo e sem registro profissional”.

Percebe-se, assim, que o *não* nesses casos continua operando tal qual um advérbio, modificando o elemento que antecede. Bechara (2004) chama atenção para o fato de que os advérbios são, geralmente, modificadores do verbo, podendo, no entanto, se referir a adjetivo, a outro advérbio ou a uma declaração inteira. No exemplo “Felizmente, Maria está bem melhor”, o advérbio “bem” modifica o advérbio “melhor” que por sua vez modifica o verbo. Já o advérbio “felizmente” modifica toda a declaração.

Embora não possamos explanar detalhadamente o escopo sintático dessas construções, notamos que em diversos casos a posição de um advérbio atuando sobre o adjetivo soa razoável. Tomemos os exemplos retirados de nosso corpus:

Considerações sobre o *não*- anteposto a nomes

a) A Internet é uma entidade *não-comercial*, e seus objetivos principais são a pesquisa (pois a Internet facilita a pesquisa em grupo de elementos dos mais diversos países) e as comunicações em geral (par=103563).

b) Problemas com a formação docente, instalações precárias, falta de equipamentos, escolas destituídas de práticas de pesquisas, com hospitais *não-adaptados* ao ensino, tornaram-se frequentes (par=Cotidiano-94a-soc-2).

Tanto em a) como em b) as formas podem ocorrer com outros advérbios:

c) A Internet é uma entidade *quase comercial*, embora seus objetivos principais sejam a pesquisa e a comunicação em geral.

d) Problemas com a formação docente, instalações precárias, falta de equipamentos, escolas destituídas de práticas de pesquisas, com *hospitais mal adaptados ao ensino*, tornaram-se frequentes.

Enquadramos nessa mesma interpretação, os casos em que *não*- é seguido de advérbio *xmente*:

a) Se considerado o conceito de liquidez (caixa mais algumas aplicações *não-imediatamente* disponíveis), o número batia os US\$ 38,28 bilhões na mesma data. (par=Brasil-94b-pol-1)

b) A permanência de Amato até as próximas eleições da entidade seria também a primeira vez desde 1968 que um empresário de fora do Nordeste assumiria a presidência da CNI *não-interinamente*. (par=Brasil-94b-pol-2)

c) Um evento só acontece, dizia Emerson, quando se deixa que aconteça: vale dizer, quando a negação se cala e o evento é visto *não-magicamente*. (par=Mais-94a-nd-2)

Nos casos *não-xmente*, portanto, o sentido adverbial de modo é apenas negado: “vale dizer, quando a negação se cala e o evento é visto de forma não mágica (não-magicamente)”. Já quando o *não* aparece frente a casos de nominalizações, sempre com o sentido de ausência de/ falta de, o atributo é mais uma vez de ordem sintática, pois embora a nominalização possa ter função designadora, nomeando um ente a partir do significado verbal, a mesma, sob outro ângulo, se assemelha a um predicado nominal, se caracterizando por certo hibridismo, uma vez que dotada de valores verbais e nominais:

“Uma forma nominalizada permite referência neutra ao processo verbal, sendo, portanto, uma estratégia básica de estruturação textual, em especial por causa da possibilidade de referência anafórica. Na função de mudança categorial, que obedece sobretudo a motivações de estruturação textual, a nominalização é uma construção transparente e sem objetivos designadores”. (BASILIO, 1999: 63)

Conforme os exemplos:

a) par=Brasil-94b-pol-2: Para o jornal, o *não-aproveitamento* das verbas se deve em parte à alta rotatividade de ministros do governo Itamar Franco.

b) par=Brasil-94a-pol-2: Julgava-se responsável pela *não-eleição* do aliado no 1º turno.

Quanto aos demais substantivos, citamos mais uma vez Bechara, pois este afirma que os advérbios podem ser modificadores de substantivos “quando este é entendido não tanto como substância, mas como qualidade que esta substância apresenta” (2004: 274). O exemplo apresentado por Bechara – “Gonçalves Dias é verdadeiramente poeta” (idem) é bastante ilustrativo e, a nosso ver, ajuda a explicar as ocorrências *não-x* em que *x* é substantivo. A construção “José de Alencar é não poeta”, soa similar à frase apresentada pelo citado gramático. No entanto, a partir da análise realizada, constatamos que o advérbio não atuava diante do substantivo também nos casos em que este é

Considerações sobre o *não*- anteposto a nomes

entendido como substância e não apenas como qualidade. No *corpus* analisado estes casos são minoritários e possivelmente correspondem a essa definição, tais como em:

- a) Julgava-se responsável pela *não-eleição* do aliado no 1º turno. [par=Brasil-94a-pol-2]
- b) Outras reclamações comuns dizem respeito a aumentos abusivos, propaganda enganosa, *não-cobertura* de doenças ou serviços e qualidade de atendimento. [par=Dinheiro-94b-eco-2]
- c) Ouve-se muito que uma das razões pelas quais a legislação de patentes, aprovada na Câmara dos Deputados, não agradou a comunidade internacional foi a *não-adoção* de princípios que serão acolhidos na legislação do Gatt (Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio), incorporando, dentre outros, a pesquisa no setor farmacêutico. [par=Dinheiro-94b-eco-2]

Porém, notamos que em alguns casos de substantivos modificados por *não*, predomina o aspecto estilístico. Citamos o exemplo: “Uma coisa era matar ou morrer pelas Diretas-Já, pelos quatro ou cinco anos para Sarney, pelo impeachment ou *não-impeachment* (par=Opinião-94b-opi-1)”. Nessa frase o *não*- tem sentido claro de contrariedade e a escolha pelo *não*- parece válida para realçar a oposição e tornar o texto expressivo. A vivacidade textual perpassa os demais exemplos:

- a) Agora que já passou a onda maior, podemos reler e avaliar o que Ricupero disse no ar, ou melhor, o que não disse no ar ou, melhor ainda, o que disse no *não-ar*. (par=Ilustrada-94a-nd-1)
- b) Porque os são-paulinos do Santos é que colaboraram: o Gilberto colaborou com o gol e o Macedo colaborou com o seu *não-gol* escandaloso. (par=Esporte-94b-des-1)
- c) Se o STF adotar o critério político no julgamento de Collor, se não resistir à pressão da mídia e da opinião que ela plantou na

sociedade, teremos a *não-pizza* que foi guindada a supremo valor moral da nação. (par=Opinião-94a-opi-2)

d) A mudança, o *não-jeitinho*, não estaria levando a nada melhor. (par=Revista-94b-nd-1)

A criação de palavras com intuítos estilísticos em criações literárias e jornalísticas possui particularidades relevantes na medida em que as escolhas, feitas de modo consciente pelos autores, têm geralmente a intenção de surpreender e chamar a atenção dos leitores. Embora alguns teóricos não reconheçam como sendo relevantes as formações dessa natureza, na medida em que muitas vezes não são incorporados pelos falantes, Martins (2003) por outro lado, reitera que:

“A ideia de que vocábulos que não se incorporam na língua não têm interesse estilístico é bem discutível. Primeiramente porque não podemos antever o destino dos vocábulos forjados por um escritor (...). Ainda que as novas palavras tenham existência efêmera, elas revelam um meio de o falante realizar o seu desejo de expressividade. Muitas delas são realmente de emprego restrito, e não poucas se limitam a uma ou outra ocorrência, da mesma forma que as metáforas que se criam para um único enunciado. Mas, pela sua novidade, causam um inegável efeito expressivo que não se pode menosprezar. Deste modo, assumimos que as ocorrências estilísticas *não-x* nos textos escritos, embora minoritárias e alheias aos dicionários e ao discurso oral, são formas inovadoras, porém ocasionais, de caráter fugaz e sem permanência no idioma”. (MARTINS, 2003: 111)

Do mesmo modo, constatamos a existência de ocorrências de *cunho binário* quando *não* se combina com adjetivos, tornando-os negativos em criações de termos matemáticos, jurídicos ou pertencentes ao jargão científico. Nesses casos, o *não-* adjuge a especificidade da negação ao significado original do adjetivo. Enumeramos em nossa pesquisa algumas situações de clássica dicotomização de uma realidade. Citamos aqui os exemplos *não-A*, em contexto referente à teoria matemática, *não-hodking* (um tipo de tumor), *não-beneficiado* (tipo de arroz também conhecido como integral). No entanto, nem

Considerações sobre o *não-* anteposto a nomes

sempre é intuitiva a percepção do antagonismo, sendo preciso conhecer a realidade científica a que se refere. Nos exemplos “jogos não-cooperativos” e “não-localidade”, a importância do conhecimento de mundo fica patente. Ressalte-se ainda que nesses casos de classificações duais, o *não-* passa a ser, em certo sentido, utilizado como um operador lógico. A polarização possui o escopo de transformar uma variável (econômica, sociológica, jurídica, estatística) em uma variável binária, marcada por sua neutralidade axiológica.

Também nos casos em que *x* é substantivo de referentes humanos, gentílicos e nomes que denotam profissões, há formações de novos itens lexicais designadores de seres. Essa aceção é marcante quando diante de formações que designam filiações políticas, partidárias ou ideológicas. É o caso de termos como *não-marxistas*, *não-carlistas*¹⁰, *não-sexista*, *não-petista*, *não-stalinista* etc. Quanto a essas ocorrências, há que se levar em conta a mútua conversão entre substantivos e adjetivos muito presente em nosso idioma, bem como a extensão de propriedades de uma classe para outra. É comum, então, que nomes de agente sejam usados como adjetivos, em recurso morfológico conhecido como flutuação. O mesmo ocorre em nomes pátrios que ora agem como adjetivos de caracterização de proveniência/origem, ora denotam indivíduos, sendo, portanto, substantivos. Nesses casos, ressaltamos que quando antecidos de *não-*, somente aqueles que se referem a elemento humano possuem valor lexical predominante.

Diante do exposto, não descartamos a possibilidade de classificar as formas como composicionais, porém visualizamos que a prefixação, por suas características, é a categoria mais adequada para abrigar o fenômeno. Sabemos que a alta produtividade verificada tampouco justifica a natureza prefixal pleiteada por alguns autores: formações regulares de natureza não lexical também se caracterizam pela frequência de uso, não servindo esse fato como parâmetro para a constituição de novas unidades, o que explica a profusão de formas *não-* diante de nominalizações ou de adjetivos em construções

10 Todos os exemplos foram retirados do corpus analisado. Carlismo: De Antônio Carlos Magalhães, o ACM. No Brasil, Carlismo é a designação dada ao movimento político nascido na Bahia a partir do poder criado no Estado pelo político Antonio Carlos Magalhães, morto em 2007, ainda hoje lembrado como um dos mais influentes “caciques políticos” da história do nordeste.

sintáticas. Porém, conforme demonstrado, *não-* quando diante de elemento humano ou quando possui intuito de gerar sistemas binários ou formas estilísticas, se comporta como um formador de item lexical. Ainda nesses casos, o *não-* se mostra mais sistemático e produtivo do que as formas composicionais presas. Note-se ainda que o *não* possui um significado bastante generalizante, o que destoaria dos demais elementos composicionais, que se caracterizam por serem mais particulares. Nesse sentido, estaria ocorrendo uma lexicalização do advérbio nos casos em que atua como prefixo.

3.2. Questões semânticas

Alguns autores afirmam que o *não* encerra um único sentido – oposição perfeita (MORENO & MARTINS, 2006), privação/negação/falta (CAMPOS, 2001), negação (AZEREDO, 2009) –, enquanto outros veem nessas construções casos de polissemia (PANTE & MENEZES, 2003).

Conforme nossa análise, a ideia de que o *não-x* possui sentido único de falta/ ausência elucida somente os casos em que *x* é substantivo sem objetivo estilístico, enquanto os casos em que *x* é adjetivo ou particípio possuem viés sintático. Quando *x* atua como forma substantiva não nominalizada, em que o caráter estilístico é sobressalente, os sentidos podem ser de anti-/ pseudo-/ ou contrariedade. Nos casos em que *não-* se antepõe a nomes humanos ou quando engendra classificações binárias, o sentido que encerra é o de oposição. Arrolamos a seguir os possíveis significados exemplificando as ocorrências.

a) Quando *não-x* possui sentido de negação simples:

Ocorre quando *x* é adjetivo ou advérbio.

- Erpen, corregedor do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, diz que o atual Certificado de Registro e Licenciamento de Propriedade de Veículo, expedido pelo Detran (Departamento Nacional de Trânsito), é apenas um meio, *não-óbvio*, para comprovar a propriedade. [par=Cotidiano-94a-soc-1]

Considerações sobre o *não-* anteposto a nomes

- A sentença foi anulada porque Souza foi defendido por um leigo, *não-inscrito* na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). [par=Cotidiano-94a-soc-2]

E se *x* é substantivo nominalizado ou substantivo sem cunho estilístico.

- Julgava-se responsável pela *não-eleição* do aliado no 1º turno [par=Brasil-94a-pol-2]

- Vamos culpar o governo pelo *não-atendimento*, afirmou o subsecretário executivo da Federação, Danilo Maciel [par=Cotidiano-94a-soc-2]

b) Quando *não-x* pode significar contra/ pseudo/ anti- / ou outros.

Nos casos em que há formação de palavras com objetivos estilísticos. São os únicos casos em que pode ser possível algum tipo de polissemia, ainda que rara.

- É o último herdeiro do som pelo *não-som*, da economia de frases musicais. [par=Ilustrada-94b-nd-2]

c) Quando expressa oposição: Se formador de classificações duais ou se diante de elemento humano.

- Entre os exemplos de jogos *não-cooperativos* estão o xadrez e o pôquer [par=Mundo-94a-pol-2].

- As taxas de matrícula do Sesc custam entre Cr\$ 650,00 e Cr\$ 2.600,00, para comerciários e *não-comerciários*. [par=Cotidiano-94b-soc-1]

Outros fatores não estudados podem ser significativos para explicar a escolha de *não-x*. Deste modo, percebemos que a compreensão abrangente sobre a questão semântica requereria um estudo mais pormenorizado sobre as diversas formas de negação léxica, e nesse sentido, nossa análise pretende dirimir apenas brevemente alguns dos aspectos pertinentes ao tema. Fica perceptível, contudo, que o *não-* carrega maior neutralidade em relação ao prefixo de negação *in-*, que possivelmente remete o falante a interpretações mais negativas ou ao *des-* já marcado pela ideia de reversão. Esse aspecto

possivelmente justifica a profusão de formas *não-x* nomeando realidades científicas e acadêmicas, porém assumimos que existe a necessidade de estudos mais aprofundados sobre o tema.

Palavras finais

Nossa pesquisa tinha como principal objetivo compreender quando *não-x* poderia ser classificado como novo item léxico, se isso ocorria em todos os casos analisados e qual a natureza desse processo, bem como suas explicações semânticas. Testamos, para tal, todas as hipóteses até então construídas sobre o tema. Não descartamos a ideia de que *não-x* possui natureza composicional, porém defendemos a prefixação como uma categoria mais provável para os casos previstos. Verificamos em nossa pesquisa, que nem todos os casos *não-x* constituem novo vocábulo, na medida em que o aspecto sintático do *não-* é saliente no que tange aos participios e nos casos de nomes deverbais. Comprovamos que a criação lexical ocorre quando *não-* é formador de classificações binárias, de palavras de cunho estilístico e nos casos em que antecede elemento humano.

Dentre aqueles que defendiam o *não-* como sendo um caso típico de prefixação, encontramos autores que lhe creditavam diversos possíveis significados. Não concordamos com a polissemia nos casos em que *não-* atua como prefixo. Nesses casos, há o sentido de oposição quando formação binária ou humana e nos casos estilísticos, as possibilidades se ampliam, podendo significar o mesmo que contra-, anti- ou pseudo. Mostramos que a compreensão do significado por vezes está mais atrelado à compreensão sintática da expressão, fato que ocorre quando o elemento subsequente à partícula estudada é uma forma adjetiva.

Quanto à ideia de que o *não-* pode estar substituindo analogicamente os demais prefixos de negação que por sua vez estariam entrando em desuso, mencionamos a questão produtividade-listagem pela ação do bloqueio, já que a existência prévia de uma forma efetuando determinada função exerce a ação de bloqueio com relação à criação de nova forma que tenha o mesmo objetivo. A

Considerações sobre o *não*- anteposto a nomes

escolha pelo *não*- revela a necessidade de expressão distinta às demais formas tradicionais. O *não*-, portanto, é elemento de difusão recente no idioma, porém dotado de subjetividades relevantes em suas ocorrências tanto nos aspectos estruturais como nos significados que carrega.

Referências

ALVES, I. M. *Neologismo – Criação Lexical*. Ática: São Paulo, 2004.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss*. Publifolha: São Paulo, 2009.

BASILIO, M. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. "Em torno da palavra como unidade lexical: Palavras e composições". In: *Veredas*, Revista de Estudos Linguísticos v. 4, n. 2 - jul/dez - 2000. Juiz de Fora: UFJF. pp 9-18.

_____. "A Morfologia no Brasil: Indicadores e Questões". In: *D.E.L.T.A.*, Vol. 15, N.º ESPECIAL, 1999 (53-70).

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.

CAMPOS, L. S. A. *Negação prefixal na história da língua portuguesa*. Tese (Doutorado) Salvador: UFBA, 2004.

_____. *A Gramaticalização do Não como prefixo no português brasileiro*. Dissertação (Mestrado). Salvador: UFBA, 2001.

CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro: 1999.

DUARTE, P. M. T. "O não: Formador de palavras em português?" in: *Revista do GEL- NE*, ano 1, número 2, pp67-70, 1999.

DURAN, M. S. Lexicografia e Linguística de Corpus. In: Magalhães, José Sueli de; Travaglia, L. C.. (Org.). *Múltiplas Perspectivas em Linguística*. Uberlândia: Edufu, 2008, v. , p. 1793-1800.

HOUAISS, A. & VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. *Dicionário Houaiss Eletrônico*. Versão 1.0. CD-ROM. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

MARTINS, N. S. *Introdução à estilística*. T.A. Queiroz, editor: São Paulo, 2003.

MORENO, C. & MARTINS. *Português para Convencer*. São Paulo, Ática, 2006. Todas as referências podem ser acessadas em *O 'não' como prefixo* Em: <http://wp.clicrbs.com.br/sualingua/2009/10/01/o-nao-como-prefixo/> Último acesso às 20h34min de nove de dezembro de 2009.

NEVES, M. H. M. *Gramática de Usos*. UNESP: São Paulo, 1999.

PANTE, M.R. & MENEZES, A.C. "O prefixo 'não-': polissemia e produtividade no processo de formação de palavras". In: *Maringá*, v. 25, n. 1, p. 051-057, 2003.

PEREIRA, P. A. *Para uma distinção entre radical e prefixo: será não-composto um composto ou um derivado?* Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

SARDINHA, T. B. "Linguística de Corpus: Histórico e Problemática" (Corpus Linguistics: History and Problematization). In: *D.E.L.T.A.*, Vol. 16, N.º 2, ano 2000.

_____. *Linguística de Corpus*. Editora Manole: São Paulo, 2004.

ABSTRACT: This work investigates lexical processes underlying the formation of não-X nouns and adjectives in Portuguese. As a result of the analysis, it is proposed that not every não-X occurrence constitutes a new lexical item, since many of the studied data that were collected from two corpora, reveal predominance of syntactic aspects. As for the semantic question, it has been observed that the meanings of the não-X constructions are partially predictable, in spite of some exceptions.

KEY-WORDS: Word formation; lexicon; morphology; lexical semantics.